



As experiências de pessoas trans*: relatos sobre corpos, abjeções e direitos

The experiences of trans persons: stories about bodies, abjections and rights*

Cicera Glaudiane Holanda Costa

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo reflete sobre as experiências de pessoas trans* na cidade de Recife-PE. Baseada em um referencial teórico feminista pós-estruturalista e um traçado com inspiração etnográfica, realizamos um diálogo com quatro interlocutoras que nos auxiliaram a refletir sobre seus corpos, sexualidades e questões de acesso e violação de direitos, mais especificamente a partir dos marcos dos direitos sexuais. Através de nossa inserção em contextos diversos de sociabilidade e do movimento organizado LGBTTT chegamos às nossas interlocutoras. A ferramenta audiovisual se constituiu como elemento importante para inserção e contato em campo. Através das histórias das interlocutoras, pudemos refletir sobre processos de construção do corpo, que, quando atravessados por diferentes marcadores, reorganizam suas vivências no atravessamento de diferentes instituições, conquistas, negociações e violações, nos apontando para a complexidade e multiplicidade das experiências trans* na cidade do Recife.

Palavras-chave: **Gênero; Experiência; Corpo; Abjeção**

Abstract

This article reflects about the experiences of trans persons in the city of Recife-PE. Through a post-structuralist feminist theoretical perspective, and with ethnographic inspiration, we conducted a dialogue with four interlocutors. Through their experiences we might reflect about bodies, sexualities and about issues of access and rights violations, specifically from the landmarks of sexual rights. Through our integration in various contexts of sociability and the organized movement LGBTTT we met our interlocutors. The audiovisual tool was constituted as an important element for insertion and of approach with the field. Through their stories, we think about body building processes, which when crossed by different markers, reorganize their experiences in crossing different institutions, achievements, negotiations and violations in pointing to the complexity and multiplicity of the trans* experiences in the city of Recife-PE.*

Key words: **Gender; Experience; Body; Abjection**

Introdução

Este artigo reflete sobre as experiências do "universo trans*" na cidade de Recife-PE. A pesquisa de campo contou com quatro interlocutoras, onde três se autodenominaram como travestis e uma como mulher trans. Seus relatos levaram-nos a refletir sobre seus corpos, sexualidades e questões de acesso e violação a direitos, mais especificamente a partir dos marcos dos direitos sexuais. A cidade do Recife foi o contexto macro no qual a pesquisa se efetivou. Neste contexto o bairro da Boa Vista, no centro da cidade, surge como lugar de referência para os primeiros contatos com as interlocutoras. O bairro possui boates, bares, esquinas e o shopping Boa Vista (local de encontro, principalmente de jovens LGBTT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) que se incorporam ao repertório de sociabilidade LGBTT. Também abriga a casa onde ocorriam reuniões da AMOTRANS - Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco.

A experiência (Scott, 1999) trans* suscita diversas reflexões referentes à dicotomia masculino/feminino através da (re)construção de uma imagem, que ao mesmo tempo dialoga e pontua uma ruptura com as lógicas dominantes de gênero e sexualidade. Esses corpos "travestidos" estabelecem uma linguagem que narra experiências, e ganha significados a partir da cultura em que estão inseridos, sendo, ao mesmo tempo, atualizados e reiterados. Este processo é marcado por lógicas normativas e de regulação que ditam quais corpos e subjetividades são "mais humanos", em contrapartida àqueles "não humanos" (Butler, 2010). Já em sua própria terminologia, a experiência trans* carrega elementos que a fazem atravessada por distintos campos de saber. Entendemos que as palavras tem uma história e que a escolha por uma ou outra atravessa elementos variados. Se a distinção em categorias travestilidade e transexualidade nos parece herdeira das nosologias psiquiátricas de travestismo e transexualismo os atuais usos do termo trans* buscam problematizar as normas de categorizações que partem do pressuposto de vivências heterossexuais enquanto norma. Pretendeu-se também eleger um termo guarda-chuva que abarcasse em si diferentes formas de autoafirmação, tentando escapar das hierarquias advindas das taxonomias. Entretanto, respeitamos a auto-

denominação de nossas interlocutoras e, devido a isto, optamos por utilizar neste texto ambas as formas de denominação: universo trans*, quando nos referimos ao campo de estudos; e travesti ou transexual, quando nos referimos às nossas interlocutoras.

As experiências aqui relatadas são compreendidas como "traduções" (Azeredo, 2010), como uma ficção, que pode ser acessada através das tecnologias discursivas de entrevistas com imagens. As imagens, por sua vez, são o veículo pelo qual "lemos" nossa interação com as interlocutoras, e a interação delas conosco e com a câmera.

Os corpos trans* têm permanecido nas margens, ocupando alarmantes posições de mortes e violências por apenas buscarem existência. Preocupadas com esta realidade, e amparadas numa perspectiva de ciência engajada e com compromisso ético-político (Fine, Weis, Weseen, & Wong, 2006), constituímos parte local de uma pesquisa qualitativa, com perspectiva pós-estrutural (Butler, 2003) a partir de experiências relativa ao universo trans*, com a perspectiva de contribuir para discussões dos processos de construção trans*, assim como refletir sobre questões que problematizam a representação do corpo (Laqueur, 2001), do gênero (Butler, 2003) e das sexualidades (Parker & Camargo Jr., 2000; Preciado, 2002) no cotidiano.

As experiências relatadas fazem parte da pesquisa "Gênero, abjeções e Devires" que foi realizada no período de 2011 a 2013 nas cidades do Recife-PE, Florianópolis-SC e Juiz de Fora-MG; respectivamente nas regiões do nordeste, sudeste e sul do Brasil. Além disso, dialogamos com a pesquisa de mestrado de uma das autoras deste artigo, intitulada "Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife" (Costa, 2013).

Neste sentido, este artigo reflete sobre o campo de Recife, a partir das trajetórias de vida de quatro interlocutoras. A despeito do que a literatura traz sobre experiências de acesso ao universo trans* a partir da prostituição, em nosso contexto, as dificuldades em campo nos levou a encontrar pessoas dispostas a contribuir com a pesquisa a partir do contato com a AMOTRANS. A cada experiência relatada procurou-se perceber questões pertinentes a suas vivências inclusive a relação

com o trabalho/prostituição, tendo como eixo central a relação com o próprio corpo. Para tanto, esta pesquisa contou com material de análise que constituiu um corpus, a partir de diário de campo dos encontros formais e informais com as interlocutoras, entrevistas audiogravadas e registros audiovisuais de eventos, como apresentações em boates ou Encontros articulados pelo movimento de travestis e transexuais.

O uso da imagem aparece na pesquisa pela vinculação desta ao projeto *Gênero, abjeções e Devires*. A proposta inicial era convidar travestis e transexuais a produzirem suas próprias imagens (fotografia/vídeo). O propósito era estimular a produção de conteúdo mais próximo do vivido por elas. Porém, no decorrer do projeto, esta abordagem sofreu modificações, levando cada universidade participante a desenvolver alternativas para solucionar dificuldades de cada contexto.

Com a filmadora foi possível realizar esse exercício de observação e filmagem de álbuns com duas entrevistadas: Bia e Jéssyka Tylor. Com Christiane Falcão a impossibilidade ocorreu devido ao fato de não termos realizado a entrevista em sua casa. Já com Joelma, mesmo nos recebendo em sua casa e concordando em apresentar seus registros fotográficos, a impossibilidade desse exercício foi gerada por não ter encontrado seus álbuns. Cada retrato apresentado foi acompanhado por um relato, ora incitado por nossas perguntas, ora estimulado pelas lembranças de suas experiências. A imagem surge como instrumento importante para mediar o diálogo em campo, e para suscitar um tipo de narrativa que não só informa, mas informa interpretando (Martins, 2011). Em campo a presença de uma câmera fotográfica ou filmadora foi determinante na maioria dos contatos sendo utilizadas como meios de aproximação, circulação e aceitação em determinados espaços de sociabilidade.

Neste sentido foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que as interlocutoras assinassem, ratificando a participação e esclarecimento sobre uso de suas imagens. Nenhuma interlocutora se contrapôs ao registro videográfico nem ao uso das fotografias.

Para percorrer este caminho, dividimos este artigo em três partes: a primeira apresenta nossas interlocutoras através de relatos pro-

duzidos a partir de nossos encontros com elas, em diferentes contextos (suas casas, boates, espaços de militância política). Na segunda parte do texto propomos um diálogo com a questão de acesso a direitos; e na terceira buscamos compor diferentes elementos das vivências de cada uma das interlocutoras, de forma a tecer pontos de convergência e divergências.

As interlocutoras da pesquisa

As primeiras incursões em campo foram realizadas no cenário noturno do bairro Boa Vista. Neste espaço há uma concentração maior de boates, saunas, clubes e bares direcionados ao público LGBTT, como também é um lugar de prostituição. Foi nesse espaço que contactamos com Christiane Falcão e Jéssyka Tylor. Porém, com o tempo encontrar pessoas dispostas a participar tornou-se uma grande dificuldade para o andamento da pesquisa. Muitos encontros e entrevistas foram desmarcados. Diante dessa dificuldade, houve um redirecionamento para outros espaços de sociabilidades do “universo trans*”. Com isso, buscou-se acessar uma rede de travestis/transexuais através da entidade que as representava em Pernambuco. Foi em um Encontro que conhecemos Bia e Joelma.

Em abril de 2012 aconteceu o III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco articulado pelo movimento AMOTRANS. Durante os dias que decorreram o encontro foram colhidas algumas falas e imagens das participantes, na intenção de saber suas impressões sobre o encontro e conhecer um pouco de suas experiências. No segundo dia de encontro conhecemos Bia, que veio a convite de uma amiga. Bia logo estava falando sobre sua vida, especificamente a respeito de um acidente que sofreu há um ano.

Em sua fala havia uma necessidade em ser ouvida, em compartilhar suas experiências. Aliás, esta necessidade se repetia em outras trans* que participaram daquele encontro, mas em Bia era ressaltado por uma urgência relacionado às marcas que seu acidente tinha provocado.

Pouco tempo depois Bia se dispôs a conceder uma entrevista que ocorreu em sua casa. A filmadora estava presente e com seu consentimento a câmera foi utilizada. No decorrer da entrevista a pedidos ela trouxe alguns álbuns e colocou as fotografias em cima do so-

fá. Cada retrato era acompanhado por um relato estimulado por suas lembranças. Assim, a fotografia permitiu subverter o tempo e conhecer um pouco de sua trajetória.

Bia tinha cabelos ondulados até a nuca, estatura alta, magra e apresentava um pouco de seios, vestígio da época em que tomava hormônios. Nasceu no Recife, informou está com 46 anos e se identificou como travesti. Enfatizou que nunca se prostituiu, estudou até a 5ª série, desenvolveu durante sua vida várias funções, mas sua profissão era cortar cabelos. Atividade que orgulhosa disse ter aprendido sozinha em uma brincadeira de criança, quando um menino teve um chiclete preso aos cabelos. Segundo ela: “Na hora que ele pediu para tirar aquele chiclete foi que surgiu minha profissão de cabeleleiro, ali!”.

A segunda interlocutora foi Joelma. A primeira conversa também foi no Encontro Estadual de Travestis e Transexuais. Envolvida pela dinâmica do evento, Joelma se destacava por sua desenvoltura e receptividade. Com um sorriso largo compartilhou um pouco de sua história e concordou em falar mais em outro momento.

Nascida no Recife, Joelma, que informou ter 36 anos, identificou-se como travesti e negra. Disse que a participação no “Movimento Gay Leões do Norte”, foi fundamental para sua sociabilidade e posicionamento diante das questões do mundo, principalmente em assuntos ligados à sexualidade.

Na entrevista o que se destacou foi um discurso de teor militante. Ela falou sobre problemas que afetam a experiência de travestis/transexuais, abordando questões como permanência na escola, acesso à saúde, utilização do nome social e oportunidade de emprego.

Christiane Falcão, a terceira interlocutora, foi apresentada em uma noite do mês de março de 2012, entre mesinhas das barracas dispostas nas calçadas que circundam a boate MKB no bairro Boa Vista. A cada passo seu naquele espaço era parada por admiradores e amigos. Christiane se prontificou em ajudar no que fosse necessário, porém estava com pressa, pois tinha que receber um prêmio de melhor performance travesti. Assim, em um encontro rápido, ela deu seu número de telefone.

Devido a sua agenda, e aos percalços da pesquisa, fomos revê-la em agosto numa plenária do Orçamento Participativo voltada para o público LGBTT. Além das discussões a plenária foi marcada por performances artísticas, entre as que se apresentaram estava Jéssyka Tylor, que viria a ser a quarta interlocutora por intermédio de Christiane Falcão. Naquele dia elegeram-se 15 delegados do segmento LGBTT, dentre esses Christiane e Jéssyka foram eleitas como representantes de travestis e transexuais.

A casa de Jéssyka Tylor foi o cenário para a entrevista com ela e Christiane. Enquanto esta não chegava a conversa com Jéssyka iniciou-se. Jéssyka Tylor informou ter 42 anos e se autodenominou travesti. Natural da Bahia nasceu rodeada pela atmosfera circense, pois sua mãe e seu pai eram trapezistas de um circo. Diante das luzes, do brilho e da magia sua infância foi marcada pela dinâmica dos espetáculos que, segundo ela, despertou desde cedo seu interesse pelo palco. E foi no palco, através de apresentações e performances artísticas, que ela se tornou uma Diva.

Christiane Falcão chegou no meio da entrevista com Jéssyka. Discretamente entrou, nos cumprimentou e partiu para o interior da casa. Retornou à sala por duas vezes. A primeira quando foi chamada por Jéssyka que não lembrava o nome do presídio que tinha sido visitado pelas duas. A segunda quando começamos sua entrevista.

Christiane Falcão, 40 anos de idade, tem uma estatura mediana e possui uma voz grave e forte. Conserva em seu poder uma presença marcante. Seja vestida para uma apresentação no palco ou descontraída na casa de uma amiga, ela se sobressai e acolhe ao mesmo tempo. Nasceu no Recife e já morou em vários lugares do Brasil e da Europa. Informou ter se prostituído, mas que naquele momento se dedicava à profissão de cabeleireira e maquiadora. Christiane se autodenominou como mulher trans definindo: “é ser mulher diferente. É ser uma mulher que não é biológica. É uma mulher que nasceu mulher, mas por dentro, não no seu corpo”.

Fez questão de salientar que viveu uma história de amor de vinte quatro anos, que nem muitos casais heterossexuais tiveram a oportunidade de viver. Seu relato é confirmado

por diversas imagens do casal presentes em fotografias postadas em seu facebook.

A inserção no universo trans* do Recife e o contato com as interlocutoras dessa pesquisa foi fundamental para a compreensão de suas experiências e de suas percepções. Permitiu exercitar o olhar em relação às mesmas, e com isso perceber particularidades atravessadas pela relação complexa entre corpo, gênero, sexualidade e a discussão de direitos.

Entre o acessível e o inacessível: uma questão de direitos

No nosso contexto, a vivência trans* é atravessada por discursos que colam a tais experiências um status patológico. Enquanto a homossexualidade foi retirada dos manuais psiquiátricos, transtorno de identidade de gênero ainda é uma categoria utilizada para falar sobre corpos e vidas trans* (Butler, 2009).

Ao refletir sobre possibilidades de despatologização das identidades trans*, Miguel Missé e Gerard Coll-planas (2010) afirma que um dos mais perversos efeitos da patologização foi o de criar um paradigma a partir do qual pensar modificações de corpos e trânsito de gêneros. Para esse autor, a delimitação (diagnóstica, nesse caso) de uma suposta identidade transsexual, elege elementos que necessariamente deveriam ser preenchidos para que o sujeito tenha sua narrativa de si minimamente validada. O pressuposto de que especialidades médicas possuem o conhecimento necessário para afirmar identidades se espalharia por vários entremeios sociais, gerando duas lógicas, por um lado a compulsoriedade do laudo psiquiátrico em processos vários e por outro, a legitimação do que se entende como "cidadania cirúrgica" (Carvalho, 2011). Mario Carvalho descreve esse segundo processo como sendo uma lógica que subordina o respeito e o reconhecimento das pessoas trans* aos procedimentos de intervenção cirúrgica.

Há uma suposição de que o estatuto de humanidade seria ressarcido quando o corpo trans* recompusesse a linearidade exposta por Judith Butler (2003) entre sexo, gênero e desejo. Cidadania nesse contexto parte de um processo de eleição de padrões que no fim, afirmam a desigualdade entre corpos e vivências, definindo que alguns valem mais que outros. Estas questões podem ser percebidas nos relatos sobre escolaridade, trabalho, família e corporalidade, como veremos a seguir.

A baixa escolaridade, a maior abertura do mercado de trabalho e o atendimento médico condizente às especificidades trans*, têm sido questões debatidas e consideradas como as principais reivindicações dentro dos espaços de discussão do movimento político LGBTT. O movimento tem conseguido algumas vitórias relativo à promulgação de leis e a proposição de políticas públicas governamentais. O intuito é "ampliar o alcance do princípio de igualdade, denunciando injustiças baseadas nas diferenciações de orientação sexual e identidade de gênero" (Simões & Facchini, 2009, p. 157). Das conquistas relativas à área da educação destacam-se as portarias e resoluções que tratam da inclusão do direito a utilizar no espaço escolar o nome social por travestis e transexuais.

Dois desafios são apontados na área da educação: a desvinculação das abordagens sobre gênero e sexualidade do âmbito da saúde reprodutiva e o enfrentamento do preconceito (machismo/ LGBTTfobia) dos profissionais de educação (Mello, Freitas, Pedrosa & Brito, 2012). Para enfrentar tal quadro, iniciativas como capacitações com profissionais da educação e ações educacionais de combate LGBTfobia, promovidas pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC foram realizadas, entretanto, têm sido incipientes e não abrangem todo território brasileiro.

Há uma naturalização dentro do espaço escolar como uma forma de punição aos desviados das normas, seja através de xingamentos, ofensas morais, agressões físicas e apelidos (Amaral, 2012; Louro, 2010). Todavia, as adversidades dentro do ambiente escolar ampliam-se na experiência trans*.

Em relato, Joelma discorreu a respeito de como a escola interferiu em sua experiência. Seu gestual, sua voz, suas atitudes causavam incômodo constante no espaço escolar resultando em posicionamentos discriminatórios que, segundo ela, prejudicou o sua aprendizagem e afetou o desejo de permanecer na escola. Sobre os momentos vivenciados na escola ela contou:

Tinha uma dificuldade grande de ler, de aprender. Daí, minha mãe conseguiu uma psicóloga pra mim e aí eu fui descobrindo que eu tinha esta dificuldade devido a preconceito que eu tinha no colégio dos meus amigos, da minha diferença [...] De tanto preconceito, de tanta descarga negativa que isso me atrapalhava viver. Eu não queria ir

para o colégio e muitas vezes eu não sabia o porquê que eu não queria ir (Joelma).

A discriminação/estigmatização efetuada afim de reiterar identidades e práticas hegemônicas desencadeou um processo de negação da experiência vivida por Joelma. Tal situação gerou tanto uma necessidade de escapar da escola, na perspectiva de não continuar sendo negada, quanto produziu uma vontade de compreender o porquê dessa negação. Sobre isso Joelma relatou:

Eu achava que era uma fase que ia passar. E essa fase não passava nunca. Então era assim, era o momento que eu era arisca demais, eu era muito agressiva, estava sempre na defensiva e às vezes me defendendo do quê? Nem eu mesma sabia (Joelma).

Neste sentido, a escolarização do corpo para produzir uma suposta masculinidade, que se diferenciava da imagem assinalada por Joelma, coloca a escola como espaço da prática de uma pedagogia da sexualidade e disciplinamento dos corpos na perspectiva de reiterar práticas hegemônicas, enquanto subordina ou nega outras (Louro, 2010).

Segundo Wiliam Siqueira Peres (2005), “a intensidade da discriminação e da intolerância nas quais são expostas as travestis nas escolas que desejam estudar levam na maioria das vezes a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos e consequentemente à marginalização” (p. 57). Joelma ratifica esta afirmação quando revelou:

Eu sofri muito na escola porque eu era diferente, eu era delicada, tinha a voz fina e aí eu não queria ir para escola e minha mãe me obrigava a ir para escola, até porque ela não sabia o porquê que eu não queria ir pro colégio. Eu não queria ir pro lugar onde as pessoas me viam uma aberração (Joelma).

O contexto de transformações e hostilizações não está circunscrito na escola, ele extravasa para outros espaços. No espaço de convivência familiar o resultado, na maioria das vezes, é a saída de casa. Enquanto no mercado de trabalho a entrada tem referência na prostituição. Por mais que outras profissões, como cabeleireira e maquiadora, estejam no quadro de funções experienciadas por elas ainda é a prostituição que se sobressai. Segundo Jéssyka,

Se não tive meios para a travesti sair da prostituição ela sempre vai está ali dentro. Não tem para onde ela sair! [...] Por isso eu digo, se não começar a providenciar cursos, recursos para o travesti saia da prostituição e comece a entrar

“dentro” da sociedade, dentro deste mundo que a gente não tem acesso, sempre vai ter prostituição e elas sempre vão está ali dentro (Jéssyka Tylor).

Ainda sobre esse assunto Jéssyka pontuou,

Um exemplo maravilhoso vem da minha amiga, que eu assisti um vídeo, da Marilac que eu assisti um vídeo dela, ela rasgando a carteira profissional porque ela disse que deixou vários currículos, distribuiu em lojas, e que graças a deus ligaram para ele e disseram: olha o seu currículo foi aceito e o emprego é seu e você pode vir aqui, você vai fazer dois dias de teste, mas não tem problema por que você tem todas as indicações que a gente ta procurando. Ela ficou contentíssima maravilhosamente foi! Chegou na loja aí ela deu os documentos a menina olhou pra ela e disse: olha desculpe mas, a gente não vai poder dar o emprego a você porque a sua foto não bate com o que está no currículo. Aqui tem uma pessoa e na foto tem outra. Então, ela disse só porque eu sou travesti você não vai me dar o emprego? . (Jéssyka Tylor, entrevista pessoal, 21 de março de 2013).

O ato da amiga de Jéssyka, rasgar a carteira profissional, representa a constatação dessas vidas menos institucionalizadas devido à falta de inteligibilidade. O que inviabilizou sua contratação não foi ter uma “idade” ou qualificação inadequada foi não possuir um corpo inteligível. Assim, corpos que não mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo são confinados a alguns espaços e profissões. Como reclamou Joelma fazendo uma análise sobre como a sociedade limita o mercado de trabalho das travestis:

Ela [sociedade] limita isso, principalmente no trabalho, eu particularmente trabalho pra mim e as que não trabalham pra elas, e as que não são cabeleireiras, e as querem ser recepcionista, e as que querem ter qualquer outra profissão e ela é limitada a isso.

No III Encontro Estadual de travestis e transexuais de Pernambuco, uma das participantes chamava atenção para a falta de alternativas, ou melhor, a lacuna existente a respeito de uma segurança financeira quando não pudessem trabalhar. Bem humorada e de forma contestadora, falou que a melhor forma de ter assegurada uma “boa velhice” seria ir à Europa, ganhar um dinheiro e quando retornar investir pelo menos em uma moradia, pois não acreditava ser respeitada ou ter algum direito advindo do Estado. Ironicamente dizia que acreditava na “INSSuíça”, fazendo referência ao período que ficou na Suíça e que rendeu dinheiro suficiente para garantir, como ela mesma enfatizou, pelo menos uma ca-

sa própria. A Europa aparece, no contexto levantado por essa participante, como o espaço privilegiado para se conquistar capitais econômicos e posteriormente retornar ao país um pouco mais “segura” financeiramente.

Além do capital econômico, existe o capital corporal conseguido na passagem da Europa e refletido na plasticidade e transgressão do corpo e gênero. Algo que Alexandre Fleming Câmara Vale (2005) denominou como o “voo da beleza”, que antes de tudo é a busca de um lugar “contra a injúria e a violência implícita nas normas de gênero, uma reivindicação de inserção para além do carnaval” (p. 170). Dessa forma, se de um lado “a Europa se apresenta como um ‘sonho dourado’ de pessoas que cedo conheceram a injúria, a violência doméstica e encontraram na venda de serviços sexuais uma fonte de renda” (Vale, 2005, p. 20). Por outro lado, o “voo da beleza” atualiza algumas injúrias, pois obter inserção econômica favorável não isenta travestis do fato de que estão em terra estrangeira. A ida para Europa, “mesmo que acarrete extraordinárias limitações para muitas, para outras oferece oportunidades que podem redundar na acumulação de uma diversidade de capitais (cultural, social e econômico)” (Patrício, 2008, p. 18). A acumulação desses capitais gera “poder simbólico”. Sobre isso Antunes ressalta que,

A passagem pela Europa significa ascensão social no meio travesti em geral. Além de possibilitar ganhos financeiros, pois muitas acabam vivendo da prostituição, ainda transformam partes de seus ganhos em capital corporal como próteses de silicone cirúrgicos para os seios, intervenções plásticas nos corpos, principalmente no nariz, roupas de grifes importadas, perfumes caros e outros bens simbólicos (Antunes, 2010, p. 107).

De acordo com esses autores e autoras, a Europa apresenta-se no mundo compartilhado por travestis como um espaço para pleitear distinção e reconhecimento. Tal distinção e reconhecimento foram ilustrados por Christiane Falcão quando perguntei se considerava uma “europeia”. Ela com um sorriso e balançando sutilmente a cabeça de forma negativa declarou:

Trabalhar na Europa não que dizer ser europeia. Eu acho que as pessoas colocam esse título, por besteira sei lá, querem se diferenciar. É como eu falo, às vezes as transexuais são tão ofendidas e marginalizadas que elas se autopromovem para poder, não ser tão tituladas e ser vistas diferentes (Christiane Falcão).

Ainda sobre esse assunto, Christiane completou seu pensamento lembrando de algumas mulheres trans com quem conviveu. “Muitas não tinham nem casa própria, mas tinham um carro importado do ano. Elas viviam para mostrar para sociedade que tinham”.

A fala de Christiane sugere que a inserção no movimento entre nações, viajando para Europa e retornando ao Brasil, traduz-se na busca de um reconhecimento específico de si, enquanto travestis e/ou transexuais e enquanto seres humanos. Essa busca acaba motivando uma série de ações que tem como preocupação a manutenção da imagem e do “status” conquistado. Tais ações terminam por reduzir os ganhos acumulados no exterior.

Dessa forma, diferente do que sugeriu a participante do Encontro Estadual, citada anteriormente, os ganhos europeus estariam atrelados às necessidades mais imediatas em detrimento da possibilidade de ser uma forma para assegurar a “boa velhice” do futuro.

De outro modo, pode-se perceber também que essa busca urgente por autopromoção e reconhecimento salienta a corda bamba da vulnerabilidade que travestis vivenciam em suas trajetórias de vida. Devido ao contexto vinculado principalmente a violência sofrida, suas perspectivas são reduzidas fazendo a maior parte delas não fazer projeções para o futuro e apostarem tudo no presente. A própria Christiane, refletindo sobre sua história, declarou

Eu sempre vivi minha vida como se o dia de hoje fosse o último. Eu sempre vivi intensamente. Como tudo na minha vida foi muito rápido. Então, assim: Eu virei travesti. Com dezessete anos eu fui para Europa. Com dezoito eu já tinha prótese, já tinha carro, já tinha casa, já tinha marido. Saí em todas as revistas, em todos os jornais como a segunda Roberta Close brasileira. Então eu dizia assim eu não vou viver muito não isso é uma dádiva de Deus. Ele tá me dando tudo agora. Porque eu não vou viver muito. Eu achava que eu sempre ia morrer muito jovem (Christiane Falcão).

A experiência trans* é marcada em todas as etapas da vida por uma vulnerabilidade específica. Neste contexto, envelhecer acaba sendo percebido como algo a ser conquistado. Para ilustrar essa afirmação destaco o desabafo de Jéssyka Tylor:

O envelhecimento pra mim eu acho que seria uma conquista de realmente ter vivido e ter alcançado a glória de realmente envelhecer [...] Só o fato da travesti chegar a uma certa idade já é uma glória. Porque tem muitas que não chegam.

Com efeito, a experiência trans* tem uma trajetória de vida marcada pela vulnerabilidade, acentuada através do descaso e banalização da violência a estes corpos invisíveis perante a lei e o judiciário. As interlocutoras evidenciaram em suas falas um processo permeado por questões de corpo/gênero/sexualidade, vulnerabilidade/violência/invisibilidade.

Colcha de relatos: encontro com as interlocutoras

Em cada encontro com as interlocutoras desta pesquisa surgiram elementos diferentes para compor vivências que se entrecortavam. A partir da observação dos encontros com elas, foi possível vislumbrar alguns pontos de convergência e divergência trazidos em suas falas e nas trajetórias de vida que foram evidenciadas. Assim, o intuito neste momento não é criar um perfil de grupo, mas apresentar os pontos observados. Sabendo que estes são abertos a outras interpretações.

Nas entrevistas aparecem entrelaçadas experiências passadas, presentes e de suas expectativas futuras. Levando em consideração a integração de motivos pessoais e os limites do contexto social. Dessa forma, foi possível efetuar um entrelaçamento de suas vidas, considerando que compartilharam experiências semelhantes durante suas trajetórias (Simões, 2004).

Focando nas trajetórias de vida das interlocutoras desta pesquisa foi possível observar alguns pontos. Estes serão aqui pontuados sem a intenção de normalizar ou classificar as experiências singulares delas como experiências com caráter universalizantes.

Ao relatar suas experiências passadas, as participantes pontuaram a infância como o período de perceber um gênero “inerente” sendo acionado, onde o processo de transformação aparecia através de pequenos atos, como o interesse por jogos e brincadeiras de meninas, o uso escondido de maquiagem e roupas da mãe, os trejeitos “efeminados”, e utilização de acessórios identificados ao universo feminino. Os discursos se direcionaram para uma essência na qual não se tem “controle”. Sobre isso Joelma revelou: “Eu estava fantasiada de menino na verdade e aí uma amiga ajudou pra que eu botasse pra fora o que estava aqui dentro”. Conforme Marcos Renato Benedetti (2005), “é nessa fase que elas começam a perceber que tem algo ‘diferente’

dos outros meninos e que isso é socialmente reprovável” (p. 98).

A desaprovação de suas experiências, por parte pais / irmãos / irmãs, foi apontada como recorrente em suas convivências familiares. Entretanto, a figura materna foi evocada em todos os momentos de suas trajetórias como sinônimos de compreensão, carinho e proteção. Bia, ao falar sobre sua mãe, colocou: “Ela queria que eu realmente casasse tivesse filhos e tudo, né. Mas minha mãe nunca foi assim de criticar por que eu sou homossexual/travesti hoje em dia. Ela me ama me adora hoje em dia.”

Segundo os relatos, a situação tensa de aprovação *versus* desaprovação dentro da família acabava gerando conflitos na relação da mãe com o pai, produzindo um sentimento de culpa nas entrevistadas. Neste sentido, Jéssyka falando sobre um discussão com os pais pontuou: “Tiveram uma discussão eles dois aí meu pai foi embora, só que aí pronto. Depois eu me senti meia culpada dessa história porque eles se gostavam muito”.

Muitas delas disseram ter saído de casa para evitar rompimento no relacionamento dos pais. Exemplo disso foi relatado por Bia: “Meu pai, meu padrasto não me queria dentro de casa. Minha mãe discutia muito com ela por causa de mim aí eu tinha que morar só”. Alguns autores (Benedetti, 2005; Córdova, 2006; Oliveira, 1994) que destacam a estreita relação das travestis com suas mães falam sobre como esta afinidade várias vezes chega a interferir no processo de transformação, fazendo as travestis e transexuais “abrirem mão de suas insígnias e, para não escandalizar os velhos, atenuam um tanto a representação feminina” (Silva, 1993, p. 53). Neste sentido, Jéssyka assinalou: “Esse lado realmente feminino da história eu só vim mesmo usar quando minha mãe faleceu... por que assim, acho que por respeito”. Ainda sobre as relações familiares surgiram referências a abuso sexual cometido por parentes próximos.

Como sempre eu tive esses trejeitos femininos. Então, assim a gente é abusada sexualmente. Primos, tios. Porque minha mãe teve que morar fora de Recife e eu fui morar na casa de tios. Então, realmente sempre acontecia essas coisas entre os primos né. Isso começou dos dez anos acho que até uns treze anos quando mamãe voltou de vez pra Recife. Eu fiquei morando nessas casas de tios e sempre aconteciam essas “coisinhas” (Christiane Falcão).

As quatro interlocutoras informaram exercer a profissão de cabeleireira e maquiadora, porém Christiane Falcão e Jéssyka Tylor ressaltaram também suas experiências no mundo da prostituição e na área dos espetáculos. Ambas viveram uma temporada na Europa, situação que lhes rendeu dinheiro e prestígio. Sobre isso Jéssyka comentou:

Eu tenho o currículo muito grande. Uma carreira, uma história muito grande. Já venho trazendo desde Campina grande passado por aqui, pela Europa, tudo isso! Então assim, é como minha prima Christiane Falcão. Todo mundo conhece, famosíssima passou pela rede globo, fez ratinho, SBT. Então, tudo isso gera uma história de sonho, de glamour. Então, Ai você conhece Jéssyka Tylor? Você conhece Christiane Falcão? Você conhece Janaína Falcão? Então, ah eu conheço. Ah! É um luxo será que eu posso colocar o sobrenome? Será que elas vão deixar? (Jéssyka Tylor).

A prostituição acaba se configurando como o principal espaço onde as travestis são aceitas. Como pontua Marcos Renato Benedetti (2005), “os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de socialização, aprendizado e troca entre travestis. Mesmo aquelas que exercem a prostituição, esporadicamente frequentam esses lugares” (p. 115). É o espaço onde o desvio de heteronormatividade e a transgressão das normas de gênero encontram espaço e aceitação (Amaral; 2012; Benedetti, 2005; Duque, 2009).

A trajetória de vida das travestis mais “antigas” funciona como referência às “novatas”. Exibições artísticas, a passagem pela rua e viagens para a Europa são fatores importantes para o reconhecimento de uma travesti. Como Jéssyka assinalou: “Tudo isso gera uma história de sonho e glamour”. As que estão chegando procuram se espelhar nestas experiências, tendo como perspectiva conseguirem alcançar o glamour de muitas que ainda estão se apresentando nas casas e eventos ligados ao público LGBT.

As trans* mais experientes também atuam como orientadoras na manipulação de técnicas corporais. O uso de maquiagem, vestuário adequado, sapatos com salto alto, bolsas, utilização de hormônios e aplicação de silicone. A pedagogia corporal repassada inclui também, como indica Benedetti (2005), o aprendizado gestual e o uso do corpo.

Assim, aprender a andar de salto, mostrar movimentos leves e suaves com os braços e com o corpo, olhar de forma cândida e recatada, mover o cabelo e mesmo andar e sentar são movimentos

aprendidos e aperfeiçoados a partir do modelo das outras travestis e da observação do feminino ao redor (p. 104).

Joelma ao falar sobre seu processo de “transformação” pontuou a insegurança que a acompanhou durante um longo período relacionado à decisão de tomar hormônios: “As pessoas falaram horrores dos hormônios” (Joelma). Apreensiva foi ao posto de saúde pedir orientação. Sua intenção era encontrar um especialista que acompanhasse seu processo. Ao chegar ao posto, a médica responsável foi logo descartando a utilização dos hormônios e enfatizando as contraindicações provocadas pelo seu uso. Decepcionada, Joelma compartilhou que: “Comecei a tomar sozinha porque ela não me indicou um especialista. Eu queria realmente fazer tudo certinho, mas infelizmente na saúde a gente não tem essa abertura”. A fala de Joelma evidencia uma situação recorrente que compõe a trajetória de vida de várias pessoas trans*. Assim, circunscritas no espaço da abjeção, assumem a responsabilidade de sua construção corporal. Porém, é importante lembrar que esse “empreendimento” requer recursos financeiros geralmente conseguidos através da inserção no mundo da prostituição.

Longe de ser responsabilidade do Estado, esse projeto corporal, que pode ser formatado através de uma biotecnologia, torna-se viável pelo financiamento das próprias travestis/transsexuais. Seja nas atividades como cabeleireira ou principalmente no exercício da prostituição, o dinheiro conquistado é transformado em capital corporal.

Na gerência desses corpos, elas sabem as limitações e problemas que o uso de algumas técnicas provoca. Para ilustrar isso resgatamos o relato de Christiane Falcão: “Quando a gente vai amadurecendo a gente vai vendo que existem muitas coisas que são nocivas ao nosso corpo. E o hormônio é uma delas”. Benedetti (2005) elenca os principais efeitos citados por suas “informantes” sobre o tratamento hormonal: “inchaço das pernas e pés (especialmente no verão); retenção de água pelo organismo; diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção; aumento de apetite; propensão a varizes; preguiça; apatia; pouca disposição física” (p. 78).

Bia falou que começou a utilizar hormônios por incentivo e orientação de amigas que já tomavam. Confidenciou que ao perceber os

seios dos amigos crescendo desejava aquilo para ela. Porém, parou de tomar hormônios após dois anos por receio de complicações a sua saúde física.

O uso de silicone é outra prática usada para a plasticidade desse corpo. Segundo Benedetti (2005), esse produto é muito valorizado, pois tem efeito imediato. Pode ser aplicado em todas as partes do corpo. O autor também salienta problemas e deformidades corporais provocados pela rejeição ou movimentação do silicone no corpo. Em entrevista Christiane Falcão, falando sobre o projeto de aumentar os seios, descreveu:

Eu já operei o peito três vezes. Na última vez que eu operei o peito eu tive uma rejeição. Eu operei com um médico acho que foi até cassado, ele não pode mais operar porque ele fez muitas coisas erradas e uma das coisas erradas que ele fez foi em mim. Ele colocou uma prótese em mim e deixou um vaso aberto dentro do meu peito. Eu acordei com um peito desse tamanho. Um menor e um desse tamanho todo roxo. E quando eu vi aquilo me assustei. Ele foi e me abriu no cru, sem anestesia, e aquele sangue saindo e tudo. [...] Então, começou ter um processo de rejeição e ele passou um monte de remédios à base de corticoide e eu engordei acho que uns vinte quilos desde a época (Christiane Falcão).

No relato de Christiane fica claro que a produção corporal de pessoas trans* é uma questão de saúde pública, que põe em risco as suas vidas. Entretanto, mesmo com os percalços apontados “o desejo de ‘ter um corpo’ se sobrepõem aos ‘riscos’ implicados nessa construção” (Pelúcio, 2005, p. 103). Como lembrou Joelma: *Apesar de todas as guerras é gostoso ser quem você é*. A relevância dessa situação a torna uma das bandeiras de luta do movimento, sendo encarada como responsabilidade social que pode ser minimizada com a existência de suporte do Estado.

Estas questões ajudaram-nos a exercitar o olhar em relação ao universo trans* e com isso perceber particularidades atravessadas pela relação extremamente complexa entre corpo, gênero, sexualidade, enxergando quanto há por se buscar ainda no campo do acesso a direitos e exigências menos heteronormativas.

Inspiradas no relato de uma de nossas interlocutoras, que traz a significação da Europa como espaço de um aparente excepcionalismo de gênero, com a narrativa do voo da beleza e da liberdade, gostaríamos de concluir tecendo algumas notas sobre resistências as traduções, e propondo uma ética das ficções.

Ao compreendermos que os discursos produzem e reproduzem signos de poder e enclausuramento, podemos relacionar a tradução/ficção do voo de beleza e liberdade rumo à Europa como contraste com a realidade do Brasil e, particularmente da cidade do Recife, na qual a morte de travestis e transexuais alcança altos índices. As teorias feministas pós-estruturais e pós-coloniais nos auxiliam a desmontar esta ficção, de um discurso subalterno (Spivak, 2010), em que a Europa se apresenta como excepcionalismo ocidental face ao restante do mundo, de forma tal que perpetra a lógica colonial de um eurocentrismo e de um sujeito eurocentrado.

Nestes termos, trazer a tona as vozes dissonantes de sujeitos travestis e transexuais apresenta-se como reiteração da necessidade de legislação e políticas públicas de proteção a essas pessoas trans*. Esta é uma escolha ética, que visa deslocar as traduções, ao propor um olhar que amplie e repense estes discursos. Chamá-los de ficções nada mais é que reiterar estes deslocamentos necessários ao processo da pesquisa, de forma a abrir frestas que ressoem/desloquem/friccionem as manufações de desigualdades e de injustiças sociais.

Referências

- Amaral, Marília dos Santos (2012). *Essa Boneca Tem Manual: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes*. Dissertação de Mestrado inédita. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Antunes, Pedro Paulo Sammarco (2010). *Travestis envelhecem?* Dissertação de mestrado inédita. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado de http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719
- Azeredo, Sandra (2010). Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Rev. Estud. Fem.*, 18(1), 175-188. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2010000100011>
- Benedetti, Marcos Renato (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Butler, Judith (2010). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Guacira L. Louro (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, Judith & Rios, André (2009). Desdiagnosticando o gênero. *Physis: Revista de Saúde Cole-*

- tiva, 19(1), 95-126.
<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312009000100006>
- Carvalho, Mario Felipe de Lima (2011). *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Córdova, Luiz Fernando Neves (2006). *Trajetórias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*. Tese de Doutorado inédita, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Costa, Cícera Gláudiane Holanda (2013). *Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.
- Duque, Tiago (2009). *Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade Federal de São Carlos. Recuperado de <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/2539.pdf>
- Fine, Michelle; Weis, Lois; Weseen, Susan & Wong, Loonmun (2006). "Para quem?" Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. In: Norman Denzin & Yvonna Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (Trad. Sandra Regina Netz, pp. 115-140). Porto Alegre: Artmed.
- Laqueur, Thomas (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Louro, Guacira (2010). Pedagogias da Sexualidade. In: Louro, Guacira (Org.), *O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade* (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Mello, Luiz; Freitas, Fátima; Pedrosa, Cláudio & Brito, Walderes (2012). Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. *Bagoas: revista de Estudos Gays*, 7, 99-122.
- Missé, Miquel & Coll-planas, Gerard (Orgs.) (2010). *El género desordenado: Críticas em torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona-Madrid, Egales.
- Oliveira, Neuza Maria de (1994). *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- Parker, Richard & Camargo Jr., Kenneth (2000). Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 16, 89-102. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2000000700008>
- Patrício, Maria Cecília (2008). *No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Tese de Doutorado inédita, Universidade Federal de Pernambuco.
- Pelúcio, Larissa (2005). Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, 25, 217-248. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000200009>
- Peres, William Siqueira (2005). *Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Tese de Doutorado inédita, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Preciado, Beatriz (2002). *Manifiesto contra-sexual*. Madrid: Opera Prima.
- Scott, Joan (1999). Experiência: tornando-se visível. In: Alcione Leite Da Silva, Mara Coelho de Souza Lago & Tânia Regina Oliveira Ramos (Orgs.), *Falas de gênero: teorias, análises, leituras* (pp. 21-55). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Silva, Hélio R.S. (1993). *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: ISER.
- Simões, Julio Assis (2004). Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Adriana Piscitelli; Maria Filomena Gregori & Sergio Carrara (Org.), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras* (pp. 415-447). Rio de Janeiro: Garamond.
- Simões, Júlio A. & Facchini, Regina (2009). *Na trilha do arco-íris: do homossexual ao movimento LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Spivak, Gayatri (2010). *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed UFMG.
- Vale, Alexandre Fleming Câmara (2005). *O Vão da Beleza: travestilidade e devir minoritário*. Tese de Doutorado inédita, Universidade Federal do Ceará.



CICERA GLAUDIANE HOLANDA COSTA

Possui Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2013), graduação em Tecnologia em Artes Plásticas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2010) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (2006). Trabalha com estudos de gênero e sexualidade. Possui interesse por discussões sobre corpo e diversidade sexual.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

glaudiane@yahoo.com.br

FORMATO DE CITACIÓN

Holanda Costa, Cicera Glaudiane (2015). As experiências de pessoas trans*: relatos sobre corpos, abjeções e direitos. *Quaderns de Psicologia*, 17(3), 99-110.
<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1271>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 30/04/2015
1ª Revisión: 25/07/2015
Aceptado: 10/10/2015